

Sinais de Fumo

Novembro, 2024

Carlos Mensil

Em tempos de agressões, em que tudo tem de estar disponível, em que nos falta sempre alguma coisa, ler um livro, ver um filme ou a última exposição, num modo extractivo de nos relacionarmos com o mundo, com a natureza, com os outros, em que mantemos a distância, em que não nos sentimos bem com os nossos corpos, os nossos pensamentos, em que a extrema-direita e a guerra estão de volta, precisamos, como diz Hartmut Rosa, de lembrar outra forma de vida. A exposição *Sinais de Fumo* é um convite a ouvir, a estar no mundo para além da agressão. Carlos Mensil oferece-nos um espaço experimental de transformação, onde os materiais se movimentam na sua imprevisibilidade, onde os sentidos se podem abrir à possibilidade do diferente, indo ao encontro do *outro*. Quando nos aproximamos dos objectos que configuram esta exposição, eles respondem-nos, podemos ouvir a sua voz, sentir a respiração. Trata-se de gerar ressonância: *“o que experimentamos como beleza é a expressão da possibilidade de uma relação ressonante com o mundo, um modo possível de ser-no-mundo em que o sujeito e o mundo respondem um ao outro”* (Rosa). Mas, uma vez que a nossa relação com o mundo nunca é pura ressonância, a arte (a beleza), nas palavras de Stendhal, só pode ser uma ilusão, promessa de felicidade.

Nesta exposição, os materiais, alterados pelo rigor técnico de Mensil, ganham um misterioso poder, o familiar torna-se não familiar, sentimos uma estranha animação, algo que vem ao nosso encontro, que nos chama, que se aproxima, mas também que se afasta, que escapa e se torna inacessível. Mensil parte de um mundo saturado de fragmentos, pequenas peças, ferramentas, cabos, restos de um mundo industrial. Um mundo de aventuras, descobertas, com o perigo sempre à espreita. Mecanismos, electrónica, energia química e mecânica. A dança da casa onde tantas coisas estão em ebulição. A casa da pura ressonância, da ilusão, que não esconde as condições históricas existentes, os pontos inflamatórios da crise actual, um planeta no limite da conflagração, um mundo que desvia as nossas capacidades de cuidar, que mina e esvazia o poder público, que não consegue resolver os problemas que ele próprio gera (Fraser). Um mundo de relações “alienadas” (Rosa), agora transformadas esteticamente. Talvez seja por isso que as obras de Mensil nos parecem perturbadoras. Para poderem oferecer uma “promessa credível de ressonância”, as produções artísticas, como diz Rosa seguindo Adorno, “têm de começar pelas próprias condições petrificadas da modernidade; não podem negá-las ou reconciliá-las falsamente”. Trata-se de um protesto contra a alienação. A experiência real, a alienação do presente, um mundo doméstico frio, carregado de sombras, duro, sem esperança, junta-se à promessa estética da ressonância e da memória e, nas palavras de Siri Hustvedt,

revela-se como “memória do futuro”. Mensil dissolve a relação ossificada, petrificada, com o mundo, faz com que apareça um mundo dentro do mundo. Um “contra-mundo no mundo congelado”, como num sonho ou num “monólogo interior” (Adorno). E, nesse mundo, enfrentamo-nos a nós próprios, passamos a ver de outro modo. A imaginação move-se, inquieta-se. Nada é fixo, tudo é mutável como a memória. Aceitamos o encontro inesperado. No *entre (in-between)* emerge a ressonância, brota o relevante, Hannah Arendt chama-lhe natalidade, um modo de relação não agressivo que nos faz parar, ouvir o *outro*, que faz irromper o novo no contínuo da vida quotidiana.

A velha secretária de madeira, sólida, palpável, que passou de uma escala a outra e que remete para a infância, a nuvem de vapor dentro do frasco, a gota que mancha de cor a folha de papel, o copo que salta, a luz fugidia da lâmpada projectada pela câmara escura, criam uma atmosfera enigmática. O nosso próprio corpo torna-se ressonante. Deixamo-nos tocar, afectar, por um espaço de fluidez, de transformação, que se torna vibrante. Em comunidade, encontramos um outro modo de nos relacionarmos com a técnica, com a natureza, com a história. Na projecção da luz do candeeiro no escuro, a “brecha entre o passado e o futuro” (Arendt), uma débil iluminação, um rasto de humanidade. Didi-Huberman refere-se à sobrevivência dos pirilampos, minúsculos, de voo incerto, “que emanam traços de luz breves, frágeis”, como escreve Fina Birulés, “uma qualidade luminosa daqueles que resistem à barbárie, frequentemente de forma não organizada, com gestos mínimos, dando testemunho de uma outra lógica, de uma capacidade de resistir à destruição”. Procurando condições de possibilidade em recantos escondidos, remetendo para actividades que estão fora da vista do mercado, esta exposição propõe-nos um novo relacionamento com o mundo. Sinais de fumo, figuras legíveis para o presente que nos guiam em tempos incertos.

Texto de Emídio Agra

Bibliografia:

- Adorno, T. W. (1988). *Teoria Estética*. Edições 70.
- Birulés, F. (2023). *Hannah Arendt: el món en joc*. Arcàdia.
- Didi-Huberman, G. (2022). *Sobrevivência dos Pirilampos*. KKYM+P.OR.K.
- Fraser, N. (2023). *Cannibal Capitalism*. Verso.
- Rosa, H. (2021). *Resonance: A Sociology of Our Relationship to the World*. Polity Press.